

MINUTOS DO NAV – episódio 31 – 22/5/2024

Estamos começando mais um episódio do MINUTOS DO NAV. Seguimos falando sobre o 5º Mandamento – Não matarás!! Estamos abordando os aspectos da Teologia Moral sobre a transmissão e conservação da vida humana. O assunto de hoje é a eutanásia.

Será moral abreviar a vida dos doentes graves e desenganados? Será moral acelerar o fim destes pacientes ou, em geral, dos idosos e das pessoas que já não são produtivas para a sociedade? Será moral permitir a morte aos doentes incuráveis, que sofrem de gravíssimas dores ou problemas psiquiátricos e depressões profundas?

O ser humano é a imagem e semelhança de Deus, por isso o Magistério da Igreja proclamou sempre o caráter sagrado e inviolável de cada vida humana, desde a sua concepção até o seu fim natural.

A analgesia – ou diminuição da dor – é completamente lícita e ética, não só no caso dos doentes terminais, mas também no daqueles que têm uma doença passageira.

Em alguns casos, a atenuação da dor pode levar à perda da consciência, porque o doente fica num estado inconsciente, em que deixa de sofrer. Para ser lícita ou moral esta supressão da consciência, deve o doente querê-la e deve ser resultado indireto do tratamento terapêutico, normalmente, isto é sempre possível.

Antes de dar sedativos que fazem perder a consciência, é muito importante administrar ao doente os auxílios espirituais necessários, que lhe permitam a salvação, considerando que esse estado pode ser irreversível.

Pelo contrário, a eutanásia, que procura causar diretamente a morte, sem dor, a um doente incurável, a um inválido ou a um idoso, nunca é lícita quaisquer que sejam as razões. A eutanásia, inventada pela piedade pagã, não é mais que um assassinato escondido, que a moral cristã reprova.

A eutanásia ou morte por piedade, é um grave mal moral, tal morte é incompatível com o respeito pela dignidade humana e pela veneração à vida, diz São João Paulo II em discurso aos Bispos dos EUA.

Existem três tipos de eutanásia:

- Eutanásia positiva: Tirar a vida mediante intervenção médica.
- Eutanásia negativa: Omitir os meios ordinários que mantêm o paciente vivo.
- Eutanásia eugênica: A que tem por fim eliminar da sociedade as pessoas com uma vida sem valor.

Qualquer que seja o modo de praticar a eutanásia, é um ato imoral, ilícito, mesmo que seja com o consentimento do enfermo, porque, como já vimos, Deus é o único Senhor da vida e da morte. Nenhum motivo, e menos ainda uma falsa compaixão, pode justificar a eutanásia.

Todos os tipos de eutanásia são atos ilícitos mas na eutanásia negativa, caso se esteja utilizando meios extraordinários para manter vivo um paciente clinicamente morto, não se constitui como eutanásia e é lícito desligar os meios extraordinários que são as ações de excessiva complexidade e custo, que não curam o paciente clinicamente morto, mas que conseguem prolongar um pouco mais os dias de sua vida.

Esta omissão não é eutanásia e é lícita porque se pode considerar que o doente já está clinicamente morto.

Contudo, estes casos limites dão origem, com frequência, a grandes problemas morais, sobretudo por dois fatos que importa considerar:

A resistência dos parentes dos enfermos a que se omita os meios extraordinários que o mantém artificialmente em vida e a falta de uma perfeita evidência científica acerca da reversibilidade ou irreversibilidade de algum processo patológico. Tem-se dado casos em que os parentes insistiram em que se continuasse a aplicar esses meios extraordinários e, por fim, manifestou-se a reversibilidade e a cura.

Na sociedade em que vivemos, na qual a cultura da morte está impregnada, a eutanásia surge como algo “razoável”. Por influência do materialismo, entendem a vida humana só em termos de prazer ou de utilidade.

Com esta mentalidade, chega-se pouco a pouco a determinar quais as vidas que ainda têm valor e quais as vidas que já podem ser suprimidas. Um mínimo sentido de humanidade permite ver que o que acabamos de referir não é progresso, mas retrocesso, marcha ré no amor ao próximo.

Os defensores da eutanásia esquecem que cada vida humana é única e irrepetível e que qualquer vida tem o maior valor possível. Se houvesse uma só vida que não fosse importante, então nenhuma seria importante, pois cada vida vale o sangue de Jesus derramado na Cruz.

Se nossa vida é tão preciosa assim para Deus, se todo o sofrimento e entrega de Jesus nos redimiram, já não mais nos pertencemos. Como podemos, então, simplesmente resolver, por conta própria, qual o momento de desligar nosso coração? Isto cabe somente ao Todo Poderoso, que nos deu

a vida para cuidarmos até o instante que Ele quiser recolhê-la e não para decidirmos que nosso tempo, ou o tempo de algum parente idoso sob nossa responsabilidade, acabou aqui na terra.

Encerramos por aqui mais um episódio do MINUTOS DO NAV. Na próxima semana, falaremos dos deveres relacionados com a nossa própria vida. Até lá!

Bibliografia:

- Curso de Teologia Moral – Ricardo Sada e Alfonso Monroy – 2ª edição – Rei dos Livros – Portugal

- Instrução *Donum vitae* – Instrução sobre o respeito à vida humana nascente e a dignidade da procriação

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_c_faith_doc_19870222_respect-for-human-life_po.html

- Instrução *Dignitas personae* sobre algumas questões de bioética

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_c_faith_doc_20081208_dignitas-personae_po.html

- Declaração sobre a eutanásia

[Declaração sobre a Eutanásia, 5 de maio de 1980 \(vatican.va\)](#)